

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Pará teve um “campo de concentração”

Em Tomé-Açu funcionou um dos locais de isolamento forçado de imigrantes japoneses, alemães e italianos que existiram no Brasil no período, chamados na época de “campos de concentração”

TOMÉ-ACU

Cintia Magno

Os conflitos que configuraram a Segunda Guerra Mundial já se desenrolavam na Europa quando o Brasil, em 29 de janeiro de 1942, decidiu romper relações diplomáticas com os chamados países do Eixo, formados pelo Japão, Alemanha e Itália. Distante muitos quilômetros do epicentro dos embates que envolviam, do outro lado, protagonistas como a antiga União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos, o Estado do Pará não deixou de sentir, em alguma medida, os efeitos da aliança do Brasil com os países que combatiam o nazismo, os chamados Aliados.

Em meio a um clima de tensão e de desconfiança contra imigrantes que viviam em Belém, o Pará foi o único da região amazônica a abrigar um dos 12 locais de isolamento forçado de imigrantes que existiram no Brasil no período, chamados pelos próprios periódicos e documentos oficiais da época de ‘campos de concentração’.

Distante cerca de 200 quilômetros da capital e cercado, à época, por uma floresta densa e acessível apenas pela bacia do rio Acará-Miri, o município de Tomé-Açu, que já era um núcleo de imigração japonesa, teve um papel fundamental neste importante episódio da história do Pará. Foi lá que, a partir do segundo semestre de 1942 até o fim da Segunda Guerra, em 1945, funcionou o campo de concentração de imigrantes japoneses, alemães e italianos na Amazônia.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP) e posteriormente transformada em livro, a publicação “Prisioneiros da Guerra: os ‘Súditos do Eixo’ nos campos de concentração brasileiros”, de autoria da historiadora Priscila Ferreira Perazzo, rememora a história do campo de concentração de Tomé-Açu, reforçando a todo o momento que, apesar do termo usado, não se deve confundir os locais de isolamento compulsórios de imigrantes no Brasil com os campos de extermínio de judeus ocorridos na Alemanha durante a Segunda Guerra. A publicação reforça que os campos existentes no Brasil dizem respeito ao “afastamento social de indesejáveis por meio da prática de concentração e confinamento”.

De qualquer modo, o isolamento forçado destes imigrantes envolvia a perda da liberdade daquelas pessoas, a partir da constante vigilância por parte das autoridades policiais. “As garantias da cidadania do estrangeiro foram cerceadas; seus bens foram confiscados e a locomoção controlada, enquanto tinha o cotidiano vigiado e o acesso restrito às informações. A situação de opressão e perda das garantias individuais culminou com prisões e internamentos de cidadãos rotulados como ‘Súditos do Eixo’”, aponta Priscila Ferreira Perazzo na publicação, ao considerar a ex-



EM IMAGENS 1 e 2 Cercado, naquela época, por uma floresta densa, o hoje município de Tomé-Açu era acessível apenas pela bacia do rio Acará-Miri. FOTOS: IRENE ALMEIDA 3 Elton Vinicius Oliveira FOTO: DIVULGAÇÃO

pressão também utilizada naquele período para designar alemães, japoneses e italianos que se encontravam no Brasil, na medida em que, em razão simplesmente de sua nacionalidade, eram considerados submissos aos ideais políticos de seus países de origem, fazendo com que fossem vistos como uma ameaça à segurança nacional.

Em sua pesquisa, a pesquisadora Priscila considera que nos diferentes estados brasileiros onde se formaram os chamados ‘campos de concentração’, havia a predominância do isolamento de imigrantes alemães. No Pará, porém, os imigrantes japoneses acabaram no foco das ações. Com base em reportagens publicadas por periódicos da época, estima-se que tenham sido enviadas 480 famílias japonesas, 32 alemães e algumas poucas famílias italianas a Tomé-Açu. Para que chegassem até o local, era necessário enfrentar uma viagem de mais de 12 horas por barco pelo rio Acará-Miri.

PESQUISA

“Foram poucas as situações de internamento de japoneses no Brasil detectadas nesta pesquisa. O caso mais significativo ocorreu na Colônia de Tomé-Açu, no Pará, cujos membros foram confinados no próprio local de moradia”, relata Priscila Ferreira Perazzo em “Prisioneiros da Guerra”. “Sob o pretexto da segurança nacional, tiveram que permanecer em suas residências, e aqueles que residiam em Belém foram recolhidos e conduzidos a Tomé-Açu e lá permaneceram sob o julgamento das autoridades policiais que chegaram à região no intuito de vigiar os japoneses e garantir o confinamento da comunidade local”.



A condução relatada pela historiadora nem sempre advinha de condições tranquilas. Em Belém, as famílias de imigrantes enfrentaram momentos de tensão e ataques por parte de uma parcela da própria população paraense, a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra. Os relatos são feitos descritos nos jornais da época, que mencionam o apedrejamento e o incêndio de casas de famílias de imigrantes em Belém, naquele período.

“Há recortes de jornais que mostravam casos de um imigrante italiano que morava no Pará há muito tempo, que tinha a sua família aqui, que já tinha o sentimento de brasileiro, e ele colocou tudo isso em entrevista porque a casa dele estava sendo apedrejada pela população paraense. Houve retaliações por parte da população paraense em relação aos imigrantes e aí o Governo do Pará levou aquelas pessoas para o Acará, em Tomé-Açu”, aponta o professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Elton Vinicius Oliveira de Sousa, autor do livro “Por Terra, Céu e Mar: Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia”, ao lado de Hilton P. Silva, Murilo R. Teixeira e Samuel R. Mendonça.

Informações dadas por ex-combatentes

A publicação também relata a existência do campo de concentração em Tomé-Açu e a maneira como as famílias viveram no local naquele período. O professor, que mantém estudos focados na antropometria relacionada ao processo de envelhecimento humano, explica que as memórias acerca da existência do campo de concentração em Tomé-Açu vieram à tona a partir dos relatos de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, membros da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil Seção Pará (AECB-PA), entrevistados como parte de uma dissertação de mestrado que investigava sobre saúde e qualidade de vida nos superpovoados (pessoas acima de 80 anos).

Na ocasião, os relatos de alguns dos ex-combatentes expuseram perspectivas históricas sobre o Estado do Pará no período da guerra. “Eles foram informados para a gente e disseram que houve um campo de concentração no Acará, hoje Tomé-Açu. Nós até ficamos apreensivos, ‘como assim um campo de concentração?’”, lembra Elton. “Eles explicaram que era um local para onde eram destinados imigrantes japoneses, italianos e alemães que tinham aqui em Belém. Eles foram levados para lá por uma questão governamental porque, em Belém, as famílias deles estavam sofrendo retaliações por parte da população paraense”.

Os relatos gravados e a pesquisa a documentos e

jornais da época resultaram no livro e em um documentário de mesmo nome, que guarda a memória deste episódio que, até poucos anos, era considerado segredo de Estado e, portanto, pouco conhecido.

“Os imigrantes eram levados para uma casa chamada ‘hospedaria’, em Tomé-Açu, e lá era o campo onde se concentravam. Lá eles eram privados da liberdade de andar pela rua tranquilamente porque, quando eram vistos andando pela rua ou conversando em duas ou três pessoas, aquilo já era alvo de investigação”, diz o professor.

“Lá no Acará, esses imigrantes ficaram concentrados e tinham uma vida em que só podiam fazer serviços domésticos, uma agricultura de subsistência e aí foi se formando uma colônia de japoneses ainda maior. Esse registro se deu em função da necessidade de salvaguardar a vida dessas pessoas, mas é interessante ver os recortes de jornais da época, com pessoas colocando a situação”.

“Eles explicaram que era um local para onde eram destinados imigrantes japoneses, italianos e alemães que tinham aqui em Belém”

Elton Vinicius Oliveira, professor

Cenário marcado pela desconfiança

O professor aponta que o cenário de desconfiança, naquele período, fazia parte do cotidiano de Belém, bastando o parentesco com algum dos países considerados inimigos do Brasil à época – Japão, Alemanha e Itália – para o início de retaliações.

“Nesse período que ocasionou essas medidas para salvaguardar esses imigrantes, ocorreu um episódio muito interessante: naquela época, em 1944 a 1945, começaram a detectar que tinham alguns navios mercantes que saíam daqui da região de Belém e que estavam sendo afundados chegando no litoral. Descobriram que havia um mendigo que ficava em uma mangueira frondosa e bem alta localizada na então Praça Kennedy e que tinha um rádio de comunicação através do qual ele enviava informações para os submarinos alemães que ficavam à frente do Estado do Pará para que bombardeassem os navios mercantes que saíam daqui dessa área de Belém”, relata Elton. “Então, era esse momento que o Estado do Pará, e Belém, viveu naquele período, de muita tensão e suspeita da população”.

Além das suspeitas contra os imigrantes, Belém ainda vivenciava um cenário de racionamentos, como registra o livro “Por Terra, Céu e Mar”. “Havia racionamento de combustíveis, tecidos e metais e, em particular, de gêneros alimentícios, muitos dos quais, como pão, carne, sal e açúcar só podiam ser adquiridos com cupons de racionamento, e houve até blecautes (desligamento da energia elétrica à noite) com treinamento de sobrevivência, em preparação para possíveis ataques aéreos inimigos. A guerra teve, portanto, forte influência aqui”.

Em meio a todo esse cenário ocorrido em Belém, as famílias de imigrantes levadas ao Acará, hoje município de Tomé-Açu, permaneceram na chamada “hospedaria” ou nas casas de outras famílias que lá moravam na colônia até o encerramento da Segunda Guerra, em 1945, quando puderam sair da região.

“Quando a gente fala em campo de concentração se tem logo ideia de hostilidade, como existia na Alemanha com os campos em que as pessoas, sobretudo os judeus, eram torturadas e mortas. Nesse caso de Tomé-Açu não tem nenhum registro de torturas físicas, mas o fato de as pessoas estarem sob privação de liberdade já configura, hoje em dia, um estado de tortura. Não acredito que se possa dizer que era responsabilidade do Estado, mas de um contexto social que aquelas pessoas viveram na época”, diz o professor.

Marco da existência do campo de concentração em Tomé-Açu, a ‘casa de concentração’ que abrigava as famílias isoladas no município no período da Segunda Guerra foi demolida há muitos anos.

Memórias dos momentos vividos naquela região

Em meio às vias movimentadas e quase que completamente urbanizadas de Tomé-Açu, uma bela construção de madeira chama a atenção para um período em que a região não passava de uma área rural, tomada pela densa floresta amazônica. A casa em questão, construída ainda no ano de 1954, guarda a memória viva do início da migração de famílias japonesas para o município de Tomé-Açu e da transformação do espaço em local de isolamento forçado de imigrantes durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Aos 94 anos de idade, o agricultor Hajime Yamada mantém muito vivas as lembranças dos momentos vividos na região desde a chegada de sua família, ainda com a primeira leva de imigrantes japoneses que se deslocaram até Tomé-Açu em busca das condições ideais para a prática de atividades agrícolas. Hajime chegou à região no dia 22 de setembro de 1929 e lá fez sua morada até os dias de hoje.

“Da primeira leva de famílias japonesas que vieram para Tomé-Açu, acho que só eu estou vivo. Chegamos aqui no dia 22 de setembro de 1929. Eu sou de 1926, então eu vim com dois anos de idade, antes

de completar três anos”, recorda. “Foram 189 pessoas, 43 famílias, e eu estava no meio e, no momento, o único que está vivo sou eu. Para dizer a verdade, nós somos a única família que não se mudou, aguentou, sustentou”.

Hajime conta que, apesar das dificuldades enfrentadas à época, o rigor mantido pelo pai fez com que sua família não desistisse da morada em Tomé-Açu, o que aconteceu com outras famílias diante da dificuldade do cultivo de algumas culturas.

“Meu pai era rigoroso. Ele sempre dizia: já que vim do Japão para trabalhar no Brasil, tem que ser radicado aqui em Tomé-Açu, não tem que procurar outro lugar”, conta. “E aguentou mesmo. Graças a Deus nós tivemos o êxito com o auge da pimenta, graças a Deus nós conseguimos construir essa casa. Foi construída em 1954. Antes morávamos numa barracazinha, de madeira assim”.

FAMÍLIAS

Ainda no início da chegada das famílias japonesas à região, através da Cia de Imigração Nantaku, a cultura de subsistência dos imigrantes era proveniente principalmente do arroz.

“Quando a gente fala em campo de concentração se tem logo ideia de hostilidade, como existia na Alemanha com os campos em que as pessoas, sobretudo os judeus, eram torturadas e mortas. Nesse caso de Tomé-Açu não tem nenhum registro de torturas físicas, mas o fato de as pessoas estarem sob privação de liberdade já configura, hoje em dia, um estado de tortura. Não acredito que se possa dizer que era responsabilidade do Estado, mas de um contexto social que aquelas pessoas viveram na época”, diz o professor.

Marco da existência do campo de concentração em Tomé-Açu, a ‘casa de concentração’ que abrigava as famílias isoladas no município no período da Segunda Guerra foi demolida há muitos anos.

“Ah, no tempo da Segunda Guerra nós sofremos um pouco. As pessoas de Belém foram enviadas todas para cá. Não tinham



O agricultor Hajime Yamada relembra o início da migração de famílias japonesas para o hoje município de Tomé-Açu e do isolamento forçado de imigrantes. FOTOS: IRENE ALMEIDA

roz. Apesar do muito trabalho, Hajime conta que a vida não foi fácil. “Antes da Guerra vivíamos em uma situação precária mesmo porque a nossa cultura era só o arroz, que é um produto que naquela época não era consumido como agora. O brasileiro dizia que a gente era igual passarinho, comendo arroz. Hoje já é o contrário, o brasileiro come muito arroz, mas naquela época caçavam da gente”, recorda, ao contar que o próprio cenário da cidade mudou bastante.

“Quando era rapazinho, estudante, a estrada era toda picarra e as casas eram todas de madeira. A gente frequentava a aula daqui a 2 quilômetros, onde tinha um colégio, não havia nem bicicleta. Até tinha bicicleta, mas não havia possibilidade de comprar”.



“Abrigaram na nossa casa porque eles não tinham onde ficar. Cada uma família daqui de Tomé-Açu ficou com uma, duas famílias, durante a guerra”

Hajime Yamada, agricultor

“No tempo da Segunda Guerra nós sofremos um pouco”

Em meio à luta para a garantia da sobrevivência por meio da agricultura, as famílias que já habitavam a colônia agrícola foram surpreendidas quando, a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a liberdade passou a ser cerceada em Tomé-Açu. Já morando na região com sua família desde os anos 20, Hajime viu o município receber dezenas de famílias de imigrantes japoneses e alemães a partir de meados de 1942.

Não apenas as famílias levadas para o local, como as que já ocupavam a região passaram a não poder mais sair do local sem autorização do Governo, a ter suas correspondências censuradas pelos Correios, a não poder mais se reunir, a obedecer a um toque de recolher aplicado a partir das 21 horas e a enfrentar o racionamento de energia elétrica.

“Ah, no tempo da Segunda Guerra nós sofremos um pouco. As pessoas de Belém foram enviadas todas para cá. Não tinham

mais suas casas porque queimaram todas as casas delas em Belém, então perderam as casas”, recorda Hajime, que chegou a abrigar algumas famílias em sua própria casa. “Não me lembro o número exato, mas foram muitas famílias que mandaram de Belém. Inclusive, nós ficamos com duas famílias aguentando, sustentando, durante um ano e pouco, até terminar a guerra. Abrigaram na nossa casa porque eles não tinham onde ficar. Cada uma família daqui de Tomé-Açu ficou com uma, duas famílias, durante a guerra”.

Registradas também nos periódicos e documentos da época, as notícias dos ataques às residências de imigrantes em Belém também fazem parte da memória de Hajime Yamada.

Além da tensão causada pelas experiências vivenciadas por essas famílias levadas de Belém para o isolamento no campo de concentração, ainda era preciso lidar com a vigilância constante das autoridades policiais.

LIBERDADE

“Não tinha condições de sair daqui, ficava preso mesmo. Era delegado fiscalizando. Tanto prova que a gente não tinha liberdade. Se juntasse três homens adultos, se fossem encontrados conversando, a polícia vinha pegava e levava preso”, lembra. “Era rigoroso mesmo. Mas, graças a Deus, a minha mãe era muito comunicativa, gostava de bater papo e tinha muita amizade com autoridades naquela época. Foi a única família que não foi presa. Mas, amadorista prenderam”.

Tudo esse cenário só se encerrou com o fim da Segunda Guerra, quando as famílias isoladas compulsoriamente no campo de concentração puderam, enfim, retornar para Belém. Em Tomé-Açu desde o início da imigração japonesa, Hajime conta que nunca pensou em se mudar do local. Quando tinha ainda 70 anos, o agricultor lembra que chegou a visitar a sua cidade natal no Japão, Hiroshima – alvo de um dos bombardeios atômicos realizados pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e que assolou a cidade, deixando milhares de mortos e doentes.

Brasil e sofreu, mas conseguimos alguma coisa”, considera. “No Japão o terreno é pequeno e não tem possibilidade de ampliar. Aqui no Brasil tem muita terra, muito abundante, e graças a Deus conseguimos alguma coisa através da cultura de pimenta-do-reino, que nos ajudou muito aqui em Tomé-Açu”.

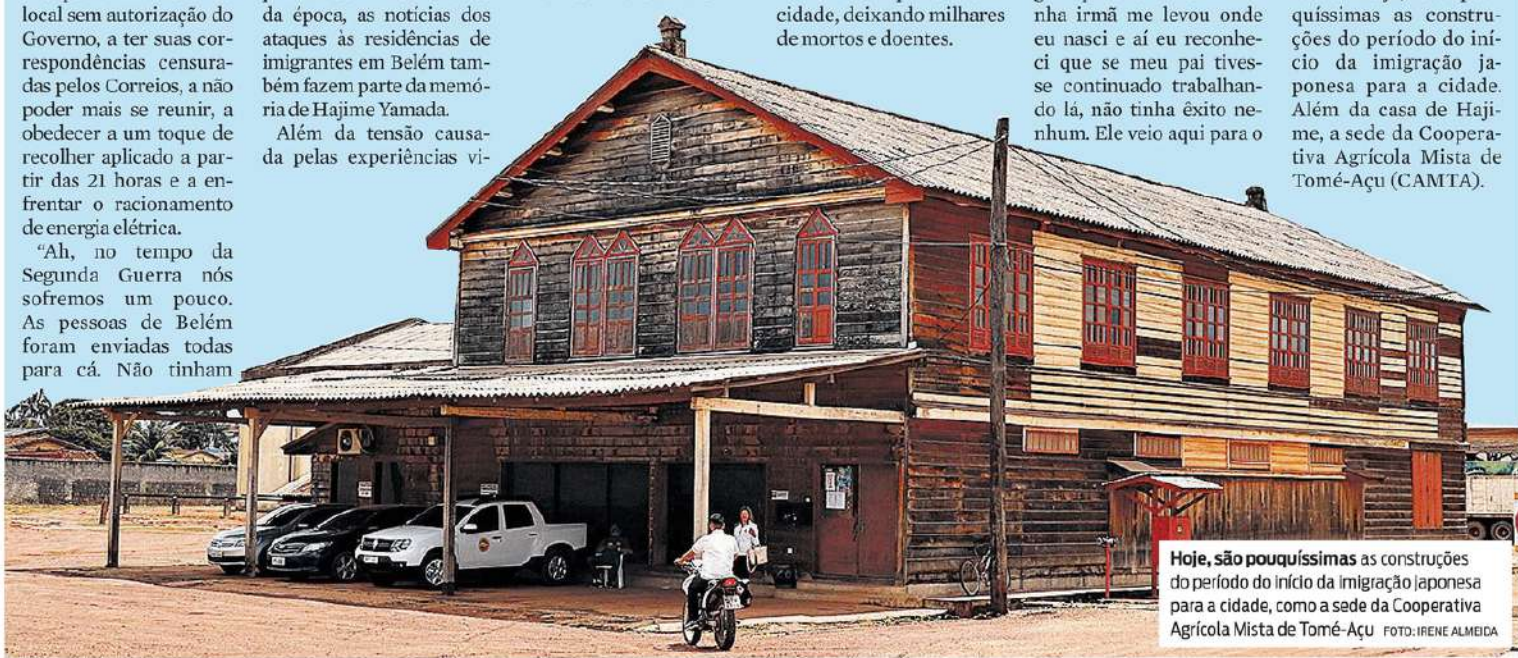
As transformações vistas hoje no município foram possíveis, segundo Hajime Yamada, a partir do fim da guerra e retorno à normalidade, quando o município conseguiu se desenvolver apoiado na cultura da pimenta-do-reino. Hoje, são pouquíssimas as construções do período do início da imigração japonesa para a cidade. Além da casa de Hajime, a sede da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA).

“Nasci em Hiroshima, onde a bomba atômica acabou com tudo. Depois de 70 anos eu tive a oportunidade de visitar onde eu nasci. A minha irmã morava lá e me levou lá onde eu nasci, no interior de Hiroshima. Já estava tudo construído e recuperado”, conta. “Agora lá no museu tem a foto das famílias que sofreram com a bomba atômica, queimadura. Uma coisa horrível”.

Apesar de duas irmãs terem permanecido no Japão, Hajime retornou para Tomé-Açu onde vive até hoje. Para ele, a visita fez reconhecer como acertada a decisão do pai de imigrar para o Brasil. “Minha irmã me levou onde eu nasci e aí eu reconheci que se meu pai tivesse continuado trabalhando lá, não tinha êxito nenhum. Ele veio aqui para o

Brasil e sofreu, mas conseguimos alguma coisa”, considera. “No Japão o terreno é pequeno e não tem possibilidade de ampliar. Aqui no Brasil tem muita terra, muito abundante, e graças a Deus conseguimos alguma coisa através da cultura de pimenta-do-reino, que nos ajudou muito aqui em Tomé-Açu”.

As transformações vistas hoje no município foram possíveis, segundo Hajime Yamada, a partir do fim da guerra e retorno à normalidade, quando o município conseguiu se desenvolver apoiado na cultura da pimenta-do-reino. Hoje, são pouquíssimas as construções do período do início da imigração japonesa para a cidade. Além da casa de Hajime, a sede da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA).



Hoje, são pouquíssimas as construções do período do início da imigração japonesa para a cidade, como a sede da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu. FOTO: IRENE ALMEIDA